

Mergulho do Comunicador no Cotidiano Alheio: Entre o Maravilhamento e a Dissonância

The Plunge of the Communicator in the Everyday Life of Others: Between Wonder and Dissonance

Ana Maria Dantas de Maio

(anamaio@uol.com.br)

Embrapa Pantanal

<http://dx.doi.org/10.5216/cei.v17i1.29017>

Resumo

Jornalistas da região Sudeste do Brasil mergulharam por alguns dias em um cotidiano totalmente distinto do que estão habituados: vivenciaram a cotidianidade do Pantanal brasileiro. O objetivo deste artigo é refletir sobre as reações dos profissionais que participaram da experiência, promovida por um projeto de comunicação organizacional. A pesquisa etnográfica sustenta a metodologia. Os resultados indicam que os profissionais da imprensa passaram pela sensação de maravilhamento naquele ambiente, mas uma equipe desenvolveu depois a dissonância cognitiva, por se sentir incomodada no local.

Palavras-chave: Cotidiano. Comunicação. Maravilhamento. Dissonância Cognitiva. Pantanal.

Abstract

Journalist from Brazil's southeastern region plunged during a few days in an everyday life that is totally different from what they usually experience: they went through the daily life of the Brazilian Pantanal. The aim of this article is to ponder on the reactions of the professionals who took part in the experiment, which was carried out within a Corporate Communication project. Ethnographic research is the foundation of the adopted methodology. The results indicate that the press professionals went through a sensation of amazement in that environment, yet one team later developed cognitive dissonance, as they felt disturbed in that setting.

Keywords: Everyday Life. Communication. Wonder. Cognitive Dissonance. Pantanal.

Introdução

A questão do cotidiano é central para entender determinadas reações humanas associadas ao deslocamento no espaço social. Quando o indivíduo passa um tempo vivendo uma cotidianidade que não é sua, mas alheia, ele pode desenvolver percepções positivas ou negativas, sentir-se acolhido, adaptado ou incomodado. A observação sobre o impacto que a cotidianidade do Pantanal brasileiro provocou em jornalistas de grandes centros que visitaram a região é a base empírica deste trabalho, avaliada sob a perspectiva teórica.

Ainda hoje, o brasileiro associa o Pantanal aos animais silvestres, à vegetação exuberante e aos recursos hídricos. Poucos – para conferir exatidão, 11%, segundo Maio (2009, p. 220) – se lembram que existem pessoas inseridas naquele contexto. Onde vivem indivíduos ou grupos, uma cultura própria se desenvolve, com seus signos distintivos e sua cotidianidade. Pode-se antecipar que as particularidades que caracterizam a vida humana naquele ambiente são expressivamente diversas das experiências compartilhadas nas áreas urbanas. A percepção do tempo, para começar, é uma distinção significativa.

Se os jornalistas de médias e grandes cidades da região Sudeste do Brasil tiveram a oportunidade de desvendar a alteridade – desconhecida, rural, estranha –, o mesmo aconteceu com o homem pantaneiro, que se viu diante do outro urbano, estressado, acelerado. A própria equipe de comunicação organizacional que promoveu o encontro surpreendeu-se com as reações e foi levada a ressignificar suas percepções.

A adaptação dos tipos urbanos ao ecossistema teve como facilitadoras as ultrageneralizações, preconizadas por Agnes Heller, uma estudiosa do cotidiano. Embora os profissionais da imprensa tenham retornado às redações e reassumido sua cotidianidade, alguns impactos da visita podem ter efeitos duradouros ou permanentes. Um exemplo didático é o caso em que ocorreu a dissonância cognitiva durante a estadia no Pantanal e o jornalista buscou reduzi-la por meio da mudança de opinião. Aqueles que vivenciaram o maravilhamento, seguido de impressões positivas, também retornaram com um conhecimento específico adquirido e com a percepção de que histórias coletivas existem mesmo em ambientes pouco habitados, como o Pantanal. O que se vê, após a análise da experiência, é que o mergulho no cotidiano alheio pode conduzir o sujeito a qualquer reação, exceto à indiferença.

1 Pesquisa de campo no campo

Esta análise da interação entre homem e diferentes cotidianidades, estabelecidas pela distinção de espaço social e de cultura, só foi possível por meio da pesquisa qualitativa. A base metodológica foi a etnografia, que permitiu acompanhar as reações e comportamentos dos jornalistas convidados para a imersão. O contato com esses profissionais se deu em vários momentos: nas redações, em restaurantes ou cafés em São Paulo, na cidade de Corumbá e nas fazendas. Travancas (2005, p. 106) relata que

[...] aqui aparece uma das vantagens da pesquisa qualitativa: a proximidade com o entrevistado. A maneira como ele se expressa; o tom de voz que usa; o seu entusiasmo ao falar de determinados assuntos; a relação de confiança que se estabelece entre pesquisador e

pesquisado e que ajudará em outras etapas da pesquisa; a percepção das contradições no seu discurso; e mesmo a possibilidade de abordagem de temas mais complexos ou mesmo delicados.

A observação em campo permitiu verificar que a maioria das equipes se sentiu privilegiada e entusiasmada por participar da experiência. A etnografia acusou, no entanto, a sensação de incômodo vivenciada por uma equipe, provavelmente causada pelo isolamento geográfico e tecnológico. A manifestação se deu pela comunicação verbal e pela não-verbal. Expressões faciais e gestos indicavam a impaciência do jornalista e do fotógrafo, que pareciam manter no meio do mato o mesmo ritmo acelerado das redações. Havia uma evidente incompatibilidade entre o tempo que seria necessário para a elaboração completa da matéria e a ansiedade que os dois profissionais demonstravam para encerrar o trabalho.

Toda essa observação em campo passou por um processo de maturação, complementado pela busca do conhecimento teórico. O tempo transcorrido entre as principais visitas aqui relatadas e essa análise da experiência contribuiu para sedimentar as reflexões. Para Travancas (2005, p. 105), “o papel do investigador é se distanciar para poder refletir sobre o significado do que é dito e visto”. Por isso, a avaliação final considerou todo o conjunto de ações que antecederam as visitas ao Pantanal e se estenderam até os mais recentes contatos, via telefone ou e-mail. Silverman (2010, p. 210) indica que se “reconheça que conversa, documentos e outros artefatos, junto com a interação, podem proporcionar dados reveladores”.

A pesquisa bibliográfica procurou explorar temas como a teoria da dissonância cognitiva, o conceito de maravilhamento, a compreensão dos signos distintivos do espaço social, além de aprofundar o conhecimento sobre a cotidianidade dos jornalistas.

2 Banhos frios e noites quentes

A imersão de jornalistas que vivem no ambiente urbano no bioma aconteceu entre 2010 e 2012, quando foi desenvolvido pela Embrapa Pantanal¹ o projeto “Construção da Imagem da Pecuária Sustentável do Pantanal”. A empresa de pesquisa é vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e tinha a intenção de divulgar na mídia da região Sudeste do Brasil a informação de que a pecuária praticada naquele ecossistema é sustentável. Uma das ações do projeto foi a visita dirigida, também chamada de *press tour* ou *press trip*, em que jornalistas foram convidados a passar uns dias em fazendas pantaneiras que praticam esse modelo de atividade econômica.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) em Bauru-SP e docente da FAI (Faculdades Adamantinenses Integradas), em Adamantina-SP.

Entre setembro de 2010 e março de 2012, sete equipes de jornalistas² visitaram fazendas a convite da Embrapa. Os veículos de comunicação tinham redações em São Paulo (3), Rio de Janeiro (1), interior paulista (2) e Campo Grande (1). Em média, as equipes passaram entre três e quatro dias nas propriedades rurais. Todas estiveram na fazenda Nhumirim, campo experimental da Embrapa, e duas delas tiveram a oportunidade de se deslocar para outras fazendas durante o *press tour*.

Viajar para o meio do Pantanal é muito diferente do que produzir uma matéria na delegacia mais próxima ou na badalada feira de automóveis. Para os mais cosmopolitas ou mesmo para quem sempre viveu em cidades médias do interior, a planície pantaneira proporciona impactos – positivos ou negativos. Até julho de 2012, a energia elétrica não havia chegado à maioria das fazendas. Essa informação parece banal, mas é determinante para entender um pouco da rotina e alguns hábitos da comunidade local. Para os visitantes, deixar de tomar banho quente nos dias frios e ficar sem ventilador nas noites (muito) quentes pode gerar mais que desconforto. Os habitantes urbanos, acostumados com o acesso às tecnologias, podem se sentir incomodados e irritados. Ou não. Das sete equipes, seis demonstraram desapego ao conforto para vivenciar aqueles dias nessas condições. Uma delas evidenciou a irritação e o desgosto com a falta de condições mais confortáveis, chegando a solicitar a antecipação do retorno à cidade.

É fundamental conhecer alguns signos que distinguem as duas realidades e entender como se estabelece a cotidianidade do jornalista e do homem pantaneiro para decifrar as reações dos convidados. Segundo Pereira (2007, p. 67), “é preciso, sobretudo, pensar a cotidianidade em relação ao imaginário social de cada povo: as riquezas estéticas traduzidas nos ritmos, nas imagens e na fala. Isto é o que faz com que a vida cotidiana não seja igual para grupos sociais, mesmo que estes ocupem o mesmo espaço urbano”. Pode-se inferir que as diferenças da vida cotidiana se acentuam quando se compara um ambiente urbano com outro totalmente rural e distante dos grandes centros. Mais de 1.500 quilômetros separam o Pantanal de São Paulo (Cf Figura 1).

A cotidianidade do homem pantaneiro se desenvolve no território rural, onde acorda-se cedo, trabalha-se muito – no campo ou nas sedes das fazendas –, e dorme-se igualmente cedo, entre 21 horas e 22 horas. De preferência, em redes. O ritmo é lento, pontuado por rodas de tereré³, nas quais o pantaneiro canta canções da terra e conta seus causos, incluindo histórias de assombração.

Figura 1. Localização do Pantanal na América do Sul

² Optamos por não identificar nenhuma das equipes como forma de resguardá-las.

³ Bebida semelhante ao chimarrão, mas feita com água fria.

Fonte: Embrapa Pantanal/Geoprocessamento



É própria da vida cotidiana no Pantanal a convivência com animais silvestres – da onça aos mosquitos. O homem que ali vive habituou-se a proteger a natureza, cavalgar, pescar para a subsistência da família e caçar espécies domesticadas. Em função da falta de energia elétrica, a relevância das relações pessoais é indiscutível: o tempo que seria gasto em frente à televisão é utilizado para as conversas face-a-face. O uso de instrumentos de mediação, como telefones, rádios ou internet é precário ou inexistente. Os vizinhos (geograficamente distantes) são figuras de referência.

De manhã, quem desperta o homem pantaneiro é o grito de maritacas ou a luz do sol. Por isso, ele rejeita o horário de verão. A linguagem que esses atores utilizam é rica em regionalismos, vocábulos que provavelmente são conhecidos apenas naquela região. Intuição e memória são elementos sensitivos que se desenvolvem bastante nesses moradores. O deslocamento dentro do Pantanal só é possível para quem conhece muito a região, pois não há estradas, postos de combustíveis ou sinalização para os acessos às fazendas. A paisagem vira bússola e determina o momento de tomar à esquerda, à direita ou seguir em frente. Esse conhecimento do ambiente é intrínseco do pantaneiro, faz parte do seu saber.

Antes de examinar a cotidianidade do jornalista, cabe analisar a observação de Bourdieu a respeito dos interesses e eventuais dificuldades que esse profissional pode encontrar. Para melhor entendimento da percepção do sociólogo francês, sugere-se interpretar o termo “subúrbio” como um ambiente, *a priori*, desinteressante e distante, como pode apresentar-se o espaço rural.

A visão cotidiana de um subúrbio, em sua monotonia e seus tons cinzentos, não diz nada a ninguém, não interessa a ninguém, e aos jornalistas menos ainda. Mas caso se interessassem pelo que ocorre realmente nos subúrbios e desejassem realmente mostrá-lo, isso seria extremamente difícil, em todo caso. Nada mais difícil do que fazer sentir a realidade em sua banalidade. (BOURDIEU, 1997, p. 27).

Os jornalistas que “mergulharam” no Pantanal moram em cidades médias e grandes – mais de 250 mil habitantes– e têm o trabalho como referência. O tempo exerce sobre eles uma pressão constante; *deadline* é uma palavra que causa frisson. Dormem tarde, alguns se rendem à boemia e nem sempre os hábitos saudáveis fazem parte de suas rotinas. Enfrentam com muita frequência o trânsito caótico dos grandes centros, o que contribui para o estresse diário. São adeptos (ou reféns) de tecnologias, uma característica associada à profissão. Vivem o novidadeiro, respiram a velocidade. As poucas relações pessoais que cultivam são frágeis; costumam dedicar mais tempo às relações mediadas.

Nos dias de folga ou intervalos dos plantões divertem-se nos cinemas, teatros, shows, museus, bares, motéis e restaurantes. São consumidores vorazes da própria mídia e, segundo Bourdieu (1997, p. 32), “ninguém lê tanto jornais quanto os jornalistas que, de resto, tendem a pensar que todo mundo lê todos os jornais”. São bastante dependentes dos signos e simbolismos que a urbanidade oferece. Por se dedicarem excessivamente à profissão, correm o risco de tornarem-se alienados de suas vidas cotidianas, como veremos adiante. Apreciam o conforto, a gastronomia, a moda. De acordo com Travancas (2011, p. 125), por estar sempre próximo de autoridades e obter informações secretas, “o profissional se ilude acreditando em seu poder. É um meio em que circulam pessoas vaidosas, pretensiosas e autossuficientes [...]. Trata-se de uma profissão que mexe com o ego do indivíduo, suscetível de se tornar ‘deslumbrado’”. A autora alerta que a generalização é perigosa e afirma que nem todos os profissionais são rigorosamente assim.

Ainda descrevendo as particularidades da profissão, Rosa (2008, p. 277) destaca um elemento sensitivo que se desenvolve entre eles, a desconfiança.

Ser jornalista, antes de quase tudo, é desconfiar. Jornalistas desconfiam, desconfiam muito, e em geral quanto menos crédulos, mais sucesso alcançam. Por isso é tão difícil conquistar a confiança deles, ainda mais quando uma crise eclode. O melhor é tentar fazer essa conquista em etapas, paulatinamente. E isso, em geral, requer tempo. [...] Não é nada pessoal, não é contra você. É apenas um cacoete profissional.

A flexibilidade também faz parte da cotidianidade dos jornalistas, que devem estar preparados para atuar em diferentes editorias, veículos e funções. Para Marcondes Filho (1993, p. 109), “ele deve ser uma peça que funciona bem, acoplável a qualquer altura do sistema de produção de informações. A eficiência sobrepõe-se à questão da qualidade (originalidade, personalidade) do texto”.

Colocadas essas considerações a respeito da cotidianidade do jornalista e do homem pantaneiro, o entendimento sobre o “mergulho no cotidiano alheio” torna-se menos enigmático. Algumas situações no Pantanal clarificaram o que Agnes Heller chama de ultrageneralizações, uma característica do pensamento cotidiano. Para dar conta de outra cotidianidade que não a sua, os jornalistas utilizaram, conscientemente ou não, recursos como a imitação, o precedente e a entonação para se adaptar a situações vivenciadas no Centro-Oeste. Um exemplo foi durante o transporte de uma das equipes de São Paulo à fazenda da Embrapa, quando a caminhonete dirigida por um pesquisador nativo do Pantanal atolou na areia. Já era noite e os ocupantes do carro – incluindo repórter e fotógrafo de um grande jornal – não tiveram outra opção a não ser esperar por ajuda. Naquele instante, os profissionais urbanos “imitaram” o comportamento dos sujeitos pantaneiros ao ajudarem na tentativa de remoção do veículo e manterem a tranquilidade em meio à escuridão e ao silêncio.

Heller (2000, p. 55) afirma que “na assimilação do sistema consuetudinário, jamais procedemos meramente ‘segundo preceitos’, mas imitamos os outros”. Durante a estadia na fazenda, a imitação deu-se ainda na distância física mantida entre esses profissionais e os animais selvagens fotografados ou observados. Os jornalistas se aproximavam à medida que os nativos também chegavam perto dos bichos. Também ocorreu essa ultrageneralização quando os profissionais da imprensa se afastaram (naquele ambiente e, portanto, temporariamente) de todos os objetos tecnológicos que diariamente os acompanham na urbanidade: celulares, cartões de crédito com chips, computadores portáteis, relógios, entre outros.

Outra forma de ultrageneralização, a entonação, foi percebida durante a estadia nas fazendas. “O aparecimento de um indivíduo em dado meio ‘dá o tom’ do sujeito em questão, produz uma atmosfera tonal específica em torno dele e que continua depois a envolvê-lo” (HELLER, 2000, p. 56). O dono de uma das fazendas visitadas pela mesma equipe cumpriu esse papel de “dar o tom” ao encontro, a ponto de os dois – fazendeiro e jornalista – concluírem a entrevista sentados no mato, à beira de uma baía, extremamente à vontade: um deles fumando e o outro descalço, sem as botas.

As ultrageneralizações mostraram-se facilitadoras do processo de adaptação à cotidianidade do Pantanal. Como os profissionais da cidade não tinham a experiência dos nativos, foram induzidos a recorrer a esses mecanismos do pensamento. Coincidentemente ou não, as manifestações de deslumbramento desta equipe paulistana, em especial, foram patentes. Os dois profissionais – repórter e fotógrafo – demonstraram o tempo todo o quanto se sentiram acolhidos e bem impressionados com a simplicidade do homem pantaneiro.

A equipe que manifestou a dissonância não enfrentou problemas como o atolamento durante o transporte, mas foi exposta a uma queda de padrão na qualidade da alimentação e do alojamento durante a estadia na fazenda. Mesmo assim, nos passeios pela propriedade e na proximidade física com animais selvagens e a vegetação do Pantanal, o repórter se mostrava incomodado e disperso. Frequentemente ele expunha sua preocupação com o *deadline* da matéria e com a impossibilidade de manter contato com seu editor. O vínculo com a redação era tão forte que o repórter antecipou, por telefone, a produção de mais da metade das reportagens previstas antes mesmo de chegar ao Pantanal. Seu descontentamento com a estadia na fazenda ficou evidente quando o profissional solicitou a Embrapa que antecipasse o retorno à cidade e, se possível, o voo de volta à região Sudeste. A dissonância cognitiva foi observada a partir do material publicado por esta equipe. O mal-estar vivenciado pelos jornalistas na fazenda foi encoberto pelo entusiasmo dos textos, pelos cuidados com a produção da reportagem, pelo depoimento enviado à equipe do projeto elogiando a experiência, por um telefonema em que revelou sentir “saudade do Pantanal” e pelos contatos ulteriores a procura de novas entrevistas. Ou seja, o conteúdo da publicação e as reações dos profissionais, especialmente do repórter, não condiziam com suas impressões pessoais observadas em campo. A tentativa de redução da dissonância se manifestou pela mudança de opinião pessoal.

A imersão de todos os jornalistas na ruralidade gerou farto material para a pesquisa etnográfica. Por mais que a equipe do projeto de comunicação da Embrapa tivesse anunciado as condições que os aguardavam no Pantanal, orientando inclusive em relação ao uso de roupas e calçados adequados, de protetores solares e repelentes, a vivência parecia tomar-lhes de surpresa. Surpresa, aliás, que faz parte do conceito de maravilhamento, como veremos a seguir.

3 Nem melhor, nem pior: distinto

Qualquer ser humano está sujeito a imergir em um cotidiano alheio. De acordo com Travancas (2011, p. 151), “a convivência com mundos distintos é um fato em toda sociedade complexa, mas pode estar mais presente no cotidiano de alguns setores, como o dos jornalistas. E

para poder transitar por distintas esferas é preciso desenvolver um sentimento de familiaridade com todos os locais e acontecimentos”. No mundo urbano, o jornalista parece se movimentar com mais desenvoltura, pois já conhece boa parte dos códigos sociais ali existentes.

A cotidianidade do jornalista é marcada por uma dedicação excessiva, apaixonada pela profissão. Ela determina seu estilo de vida, a ponto de as outras possibilidades de relacionamentos ficarem em segundo plano. “É isso que ocorre com o cotidiano do profissional jornalista: um indivíduo homogeneizado na absolutização de sua atividade principal e integrado no universo produtivo da empresa em que trabalha” (GUEDES, 2004, p. 3). Para ela, essa absolutização impede que o jornalista vivencie, como outros profissionais, as demais partes orgânicas da vida cotidiana.

Heller (2000, p. 32) enumera os elementos que compõem essas esferas orgânicas ao afirmar que

A vida cotidiana é, em grande medida, heterogênea; e isso sob vários aspectos, sobretudo no que se refere ao conteúdo e à significação ou importância de nossos tipos de atividade. São partes orgânicas da vida cotidiana a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, intercâmbio e a purificação.

No entendimento da autora, essas “partes da vida cotidiana” deveriam, teoricamente, estabelecer-se a partir de uma hierarquia mutável, que pode ser alterada sempre que houver modificações nas estruturas econômico-sociais. Como exemplo, ela revela que em tempos pré-históricos o trabalho ocupou um lugar dominante nessa hierarquia. “Esse funcionamento rotineiro da hierarquia espontânea é igualmente necessário para que as esferas heterogêneas se mantenham em movimento simultâneo” (HELLER, 2000, p. 32-33).

Como as partes orgânicas se auto-organizam seguindo uma hierarquia, é natural que algumas se sobressaiam em relação às outras em diferentes contextos sociais, ajustando-se espontaneamente no tempo e no espaço. Nenhum cotidiano deve ser entendido como melhor ou pior que outro. Atribuir juízos de valor a essa acomodação das partes orgânicas seria um equívoco comparável às representações da vida cotidiana que a mídia vem apresentando, segundo Pereira (2007, p. 67):

O cotidiano das camadas periféricas dos grandes centros urbanos é sempre o que não deu certo, o fracasso de uma atitude social, ou mesmo, a demonstração da exclusão dos indivíduos do processo de “modernização”, como uma ameaça aos “vencedores” que já ultrapassaram os conceitos da modernização e podem usufruir da “livre” circulação de bens simbólicos.

De acordo com essa visão cosmopolita, qualquer cotidiano periférico ou distante dos grandes centros estaria associado ao fracasso e ao atraso, entendido aqui como oposto de “modernização”. Parece improvável, dentro dessa concepção, a existência de riqueza cultural, avanços tecnológicos e outros bens simbólicos, por exemplo, em um cotidiano que não se encaixe nesse padrão dominante.

Cabe introduzir aqui o conceito de distinção, de Pierre Bourdieu, que extrapola essa visão determinista acolhida pela mídia. Para começar, o autor coloca que existem diferentes tipos de capital que devem ser observados ao se pensar na estrutura de um espaço social: capital econômico, capital cultural, capital político, entre outros. Cada um deles terá um peso relativo em um determinado momento. A mídia parece ter adotado o capital tecnológico como parâmetro para o cotidiano perfeito. O conceito de distinção torna-se aqui particularmente relevante para que o periférico e o distante não sejam tomados como sinônimo de inferior e fracasso, mas de diferente.

Essa ideia de diferença, de separação, está no fundamento da própria noção de *espaço*, conjunto de posições distintas e coexistentes, exteriores umas às outras, definidas umas em relação às outras por sua *exterioridade mútua* e por relações de proximidade, de vizinhança ou de distanciamento e, também, por relações de ordem, como acima, abaixo e *entre*. (BOURDIEU, 1996, p. 18-19, grifos do autor).

Para o autor, a distinção é perceptível em cada sociedade por meio do que ele chama de signos distintivos: os bens, as práticas e, especialmente, as maneiras – as diferenças constitutivas de sistemas simbólicos. Mas Bourdieu (1996, p. 18) alerta que é preciso cuidado “para não transformar em propriedades necessárias e intrínsecas de um grupo qualquer [...] as propriedades que lhes cabem em um momento dado, a partir de sua posição em um espaço social determinado e em uma dada situação de oferta de bens e práticas possíveis”.

A cotidianidade no Pantanal brasileiro é distinta não apenas pela ambiência rural. A mídia apropriou-se da beleza cênica da região e designou aquele espaço como “santuário ecológico”. A presença humana e a ideia de coletividade foram excluídas das mensagens midiáticas que abastecem o imaginário dos brasileiros. Portanto, a cotidianidade no bioma é algo que inexistente. E por não existir no imaginário coletivo, torna-se mais compreensível a sensação de descoberta, de deslumbramento e de maravilhamento observada nos indivíduos que visitam o local pela primeira vez.

Em sua obra sobre as impressões e descobertas dos viajantes europeus à América depois de Colombo, Greenblatt (1996, p. 37) apresenta a conceitualização de René Descartes para maravilhamento:

Segundo Descartes [...], o maravilhamento não é, como pensava Alberto Magno, registrado no coração e no sangue; diferentemente de outras paixões que têm o bem e o mal como objeto, e portanto envolvem o coração, o maravilhamento tem por objeto apenas o conhecimento, acontecendo dessa forma estritamente no cérebro. Essa realocização destacaria o maravilhamento da fonte de sua autoridade somática –uma experiência bastante parecida com um ataque cardíaco–, mas Descartes também insiste em sua imensa força, força que provém do elemento surpresa, a “súbita e inesperada chegada dessa impressão”⁴. Essa surpresa não provoca a contração do coração, no entender de Descartes, mas, no auge, causa uma drástica alteração nos espíritos do cérebro [...].

Essa associação do maravilhamento ao conhecimento, e não às emoções, é compartilhada pelo filósofo holandês Baruch Spinoza, que contribui para as reflexões acerca do conceito e, ao contrário de Descartes, considera a indiferença seu oposto. Ele afirma que “essa distração da mente não decorre de nenhuma causa positiva que a distraia de outras coisas, senão apenas da falta de uma causa que leve a mente, a partir da contemplação de uma coisa, a pensar em outras coisas” (SPINOZA, 1982 apud GREENBLATT, 1996, p. 37).

Interpretando Spinoza, Greenblatt (1996, p. 37-38) coloca que “o objeto que provoca o maravilhamento é tão novo que, ao menos por um instante, fica isolado, não-sistematizado, um objeto de atenção enlevada completamente destacado”. Ao acionar a cognição em busca de registros da memória que sustentem a descoberta, encontrar-se-á o nada; necessário será introduzir no repertório novos elementos que associem o objeto a aspectos positivos ou negativos. Por isso, de acordo com Spinoza (1884, volume 2, p. 174 apud GREENBLATT, 1996, p. 37), “a mente estaca porque o conceito particular em questão não se relaciona com outros conceitos”.

O maravilhamento – excitante, potencialmente perigoso, momentaneamente paralisante, carregado ao mesmo tempo de desejo, ignorância e medo – é a resposta humana quintessencial àquilo que Descartes chama “um primeiro encontro”⁵ (p. 358). Tais termos, que perpassam a filosofia desde Aristóteles até o século XVII, fazem do maravilhamento um componente quase inevitável do discurso da descoberta, pois, por definição, ele é um reconhecimento instintivo da diferença, o indício de uma atenção altamente concentrada, “uma surpresa súbita da alma”, como diz Descartes (p. 362), ao conspecto do novo. A expressão do maravilhamento representa tudo o que não pode ser conhecido, em que mal se pode acreditar. Ela chama a atenção para o problema da credibilidade e, ao mesmo tempo, insiste em sua inegabilidade, a exigência da experiência. (GREENBLATT, 1996, p. 38).

⁴ A frase entre aspas foi extraída do volume 1, página 363, da obra *Philosophical Works*, de Descartes, editada pela Cambridge University Press em 1911.

⁵ As duas frases entre aspas atribuídas a Descartes foram extraídas da obra *Philosophical Works*, volume 1, editada pela Cambridge University Press em 1911.

Maravilhamento está associado à surpresa, ao inesperado, ao imprevisto e ao desconhecido. Manifesta-se, nos indivíduos, pela sensação de perturbação momentânea. Os autores afirmam que esse estado de maravilhamento precede o reconhecimento do bem e do mal. Assim, ao sentirem-se maravilhados, os jornalistas tanto poderiam, *a posteriori*, encantar-se com o Pantanal como decepcionar-se com ele. Nesse caso, é preciso compreender o conceito de dissonância cognitiva, que foi aplicado neste estudo para descrever a discrepância entre o conhecimento de um indivíduo e seus atos. A dissonância não deve ser entendida como o oposto de maravilhamento, mas como uma consequência da não adaptação, do desencantamento e da necessidade crescente de afastamento que o sujeito vivencia após a etapa do maravilhamento.

Segundo Festinger (1964, p. 25), ocorre dissonância quando “uma pessoa é levada a dizer publicamente algo que está em desacordo com sua opinião pessoal”. No caso avaliado, as reportagens publicadas sobre o Pantanal foram bastante positivas, destoando da experiência pessoal que os jornalistas vivenciaram. Depois de o sujeito fazer a declaração pública que entra em choque com sua opinião particular, ocorre naturalmente o processo de redução da dissonância que se revelará pela procura de meios adicionais para justificar a ação.

Uma das possibilidades é que o sujeito mude sua opinião pessoal sobre o assunto. Para Festinger (1964, p. 25), “se ele altera sua opinião pessoal de modo a torná-la mais de acordo com a declaração pública, então terá ocorrido claramente a redução de dissonância”. Esse comportamento foi observado durante todos os contatos com os dois jornalistas que passaram pela experiência e despertou a atenção dos comunicadores envolvidos com o projeto. A reação dissonante não era esperada, mas foi fundamental para aprimorar o conhecimento da equipe de comunicação organizacional a respeito da alteridade, que é peça-chave para a construção de relacionamentos.

Considerações finais

A experiência no Pantanal serviu para comprovar empiricamente que aquele ambiente é capaz de provocar reações humanas diferenciadas, que vão do maravilhamento à dissonância. Dificilmente um visitante distante permanecerá neutro ou indiferente ao vivenciar aquele espaço. O inverso também parece possível: haveria dissonância ou deslumbramento se um pantaneiro que nunca tivesse visitado uma grande cidade vivenciasse uma temporada em centros urbanos como São Paulo ou Rio de Janeiro. As particularidades de cada cotidiano, inscritas nos signos distintivos de cada realidade, podem ajudar a entender essas reações.

Foi possível observar que o tempo, um “ativo” que o jornalista doa à empresa em que atua – já que se permite ficar ligado 24 horas por dia ao trabalho – tem um diferencial no Pantanal. Primeiro, porque ao aceitar ir para a fazenda ele sabe que estará desconectado (e indisponível para a redação), o que pode induzir a um relaxamento ou a um estresse. Segundo, porque o ritmo temporal no bioma é desacelerado. Embora o dia tenha 24 horas em qualquer ponto do planeta, no campo essas horas parecem se esticar. Sobra tempo para as relações face-a-face, para o descanso, para a contemplação, para as refeições bem servidas, para o sono tranquilo. Naquela cotidianidade, o jornalista desenvolve outra relação com o tempo.

A experiência mostrou ainda que o maravilhamento, seguido de reações positivas, ocorreu com maior frequência entre os convidados durante os dois anos de observação, enquanto a dissonância ficou nítida em apenas um caso. Em todas as visitas de jornalistas ao bioma, pode-se observar que eles mergulharam em um cotidiano que não lhes pertence. Evidenciaram-se os juízos provisórios das ultrageneralizações, preconizadas por Heller, como forma de adaptação à nova cotidianidade. Durante cada experiência individual, os visitantes recorreram à imitação e à entonação para vivenciar a diversidade do cotidiano alheio.

Nos casos de maravilhamento seguido de total adaptação, as equipes demonstraram a satisfação de conhecer o ambiente e partilhar a cultura pantaneira. Essa percepção ocorreu por meio do acompanhamento etnográfico e foi corroborada pelos contatos subsequentes, via e-mail, telefone ou mesmo pessoalmente.

Embora numericamente inferior, a ocorrência da dissonância cognitiva observada durante a execução do projeto alertou a equipe de comunicadores para ações futuras. Os profissionais da Embrapa entenderam que a experiência de deslocamento no cotidiano é estritamente pessoal e independe da estrutura física, humana ou ambiental que se coloca à disposição do sujeito. Cabe a esse indivíduo, e somente a ele, elaborar e/ou ressignificar o ato. O conhecimento das possíveis reações da alteridade foi o grande aprendizado de toda essa experiência.

Referências

BOURDIEU, Pierre. Espaço social e espaço simbólico. In: _____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. 4. ed. Campinas: Papius, 1996. p. 13-33.

_____. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FESTINGER, Leon. A teoria da dissonância cognitiva. In: **PANORAMA da comunicação coletiva**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964. p. 21-28.

GREENBLATT, Stephen. **Possessões maravilhosas: o deslumbramento do novo mundo**. São Paulo: Edusp, 1996. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=dDn8FrBtlSgC&pg=PA37&lpg=PA37&dq=maravilhamento+spinoza&source=bl&ots=oWdhZlCuI6&sig=Vu23UPxOL-FhDp4HECMnleHmLOc&hl=pt-BR&sa=X&ei=>>>. Acesso em: 26 jul. 2012.

GUEDES, Viviane Marques. A cotidianidade dos jornalistas. In: Pereira, Wellington (Org.). **O trabalho de Sísifo: jornalismo e vida cotidiana**. João Pessoa: Manufatura, 2004.

HELLER, Agnes. Estrutura da vida cotidiana. In: _____. **O cotidiano e a história**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. p. 31-61.

MAIO, Ana Maria Dantas de. Comunicação e representações sociais: o Pantanal que os brasileiros (des) conhecem. **Estudos em Comunicação**, Covilhã, n. 5, 217-226, maio 2009.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Jornalismo fin-de-siècle**. São Paulo: Scritta Editorial, 1993.

PEREIRA, Wellington. A comunicação e a cultura no cotidiano. **Famecos**, Porto Alegre, nº 32, p. 66-70, abr. 2007.

ROSA, Mário. **A era do escândalo: lições, relatos e bastidores de quem viveu as grandes crises de imagem**. 5. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2008.

SILVERMAN, David. **Um livro bom, pequeno e acessível sobre pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2010.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 98-109.

_____. **O mundo dos jornalistas**. 4. ed. São Paulo: Summus, 2011.